

## A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

**Luiz Antônio de Souza Pereira**

luizantoniorj@hotmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

*No ambiente escolar, a disciplina Geografia deve contribuir para o desenvolvimento e o aprofundamento da compreensão, análise e reflexão da dimensão espacial dos estudantes para que sejam capazes de realizar a leitura do seu cotidiano e do mundo. Assim como dos processos e dos fenômenos em seus diferentes níveis e relações escalares. A leitura do mundo é imprescindível para o exercício da cidadania. Os livros de geografia, via de regra, ao abordarem a temática urbana trazem textos, imagens e exemplos das grandes e principais cidades brasileiras, atendendo um mercado editorial em nível nacional. Ao mesmo tempo, não é raro muitos estudantes não conhecerem e se reconhecem como moradores do município em que vivem devido, entre outras coisas, ao afastamento da localidade em que vivem da área central. O objetivo do trabalho é compartilhar uma proposta metodológica para abordar a urbanização brasileira realizada no ensino fundamental (7º ano) na rede pública municipal de Petrópolis-RJ. O intuito é trazer o cotidiano dos estudantes para a sala de aula e possibilitar sua compreensão, análise e reflexão, ampliando e aprofundando a leitura da realidade urbana local e traçando comparações com o que ocorre em outros níveis escalares e tempos. Ao estudar a cidade e o urbano, os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental são estimulados a pesquisar a história do local em que vivem e de seus familiares através da aplicação de questionário construído na sala de aula. Ao mesmo tempo em que visa aproximar estudantes e familiares e valorizar suas experiências e vivências.*

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Geografia Urbana, Cidadania.

### Introdução

A disciplina escolar Geografia deve contribuir para o desenvolvimento e o aprofundamento da compreensão, análise e reflexão da dimensão espacial. De modo que os estudantes sejam capazes de ler o cotidiano e o mundo. Assim como os processos e os

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Pedagogia no Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) e professor de Geografia da Prefeitura Municipal de Petrópolis e do Governo do Estado do Rio de Janeiro.



fenômenos em seus diferentes níveis e relações escalares. A leitura do mundo é imprescindível para o exercício da cidadania (ALMEIDA, 1991).

A cidade é a referência básica para a vida cotidiana da maior parcela da sociedade brasileira na atualidade. Sendo educadora na medida em que forma valores e comportamentos (CAVALCANTI, 2008). No sétimo ano do ensino fundamental, em particular, é problematizado o processo de urbanização e os principais problemas das cidades brasileiras.

Nos livros didáticos do ensino fundamental<sup>2</sup> é comum a abordagem da temática urbana utilizando como exemplo as grandes cidades brasileiras, que os estudantes de outras localidades apenas identificam no mapa ou associam a determinadas paisagens difundidas nos meios de comunicação de massa. Porém, não é raro muitos estudantes não conhecerem e se reconhecem como moradores de município em que vivem devido, entre outras coisas, ao afastamento da local de moradia da área central.

No presente artigo propomos uma metodologia para abordar o processo de urbanização no país, os principais problemas urbanos e as possíveis formas de superar os mesmos. A proposta explora o local de moradia dos estudantes e o entorno da escola, e valoriza as vivências e experiências dos alunos e de seus familiares. Com base nas informações coletadas pelos estudantes e discutidas em sala de aula são estabelecidas comparações em nível nacional.

### **Um pouco sobre o município e o lugar da prática educativa**

A atividade foi desenvolvida no município de Petrópolis, localizado na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, a cerca de 65 km da capital. Com altitude média um pouco acima dos 800 metros e clima tropical de altitude. O atual município foi colonizado por alemães a partir da segunda metade da década de 1840.

Na ocasião, foi elaborado e implantado um plano urbanístico inovador para tornar-se a morada e sede de verão do Império. Uma parcela das construções imperiais ainda encontram-

---

<sup>2</sup> Historicamente, o ensino de geografia e o professor de geografia no país possui como principal material didático o livro didático. Segundo Oliveira (2012, p. 137), “o livro didático tornou-se a ‘bíblia’ dos professores”. As precárias formação dos professores e condições de trabalho, aliado a elevada carga horária e quantidade de turmas dos professores, muitas vezes, aprisionam o trabalho pedagógico ao livro didático. Castellar e Vilhena (2011, p. 137) afirmam que “o livro didático ainda continua sendo um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado”. Os autores criticam a forma como os livros são utilizados por muitos professores, que o “transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, utilizam-no como um *fim*, e não como um *meio*, no processo de aprendizagem”.

se materializadas na paisagem central do município, o que possibilita a compreensão daquele período histórico e o turismo na região.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, a população estimada do município era de 305 mil habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, alcançou 0,745, acima da média nacional. E o Produto Interno Bruto (PIB) atingiu R\$ 9,9 bilhões, em 2017, sendo o 10º maior do Estado.

Porém, o município possui um quadro de crescimento urbano desordenado desde meados da segunda metade do século XX, com o avanço de áreas periféricas e favelas com carência de infraestrutura, serviços e transporte público. Uma parcela das habitações encontram-se em locais de vulnerabilidade ambiental, com riscos de deslizamento das encostas e inundações dos rios. As paisagens materializam as perversidades de uma sociedade desigual e de políticas públicas voltadas para dinamizar, sobretudo, os espaços mais valorizados.

A prática educativa foi realizada na Escola Municipal Dr. Theodoro Machado, fundada em 1942, no Vale da Boa Esperança, em Itaipava, 3º distrito do município de Petrópolis. Localizada a cerca de 30 quilômetros da área central, na região mais afetada pelas fortes chuvas que ocorreu em janeiro de 2011 e provocou 904 óbitos, 395 desaparecidos, 20.996 desalojados e 8.814 desabrigados (PEREIRA, 2013). A tragédia trouxe prejuízos materiais para a Unidade Escolar, que adiaram o começo do ano letivo, e a perda de dezenas de vidas de estudantes, ex-estudantes e familiares.

O ano letivo de 2019 iniciou com 292 estudantes matriculados, distribuídos em 12 turmas (entre educação infantil e ensino fundamental). Ao todo, são 35 funcionários.

Os temas e conteúdos propostos na Geografia escolar do sétimo ano do ensino fundamental no país, via de regra, são dedicados a Geografia do Brasil. O mesmo ocorre com os livros didáticos (MOREIRA, 2014, p. 97). Na Proposta Curricular de Geografia da Prefeitura Municipal de Petrópolis, o fio condutor é “a estruturação e diferenciação de áreas no espaço brasileiro”. Uma das abordagens propostas refere-se aos “aspectos da organização do espaço brasileiro no campo e na cidade”. Em relação a temática urbana, destacam-se a industrialização e urbanização; os problemas das cidades brasileiras; a rede urbana; e os movimentos sociais na cidade.



### **A urbanização brasileira nas últimas três gerações: uma proposta metodológica**

Ao estudar a cidade e o urbano no país, os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental devem compreender o processo de urbanização brasileiro. O que envolve o estudo dos fatores motivadores e intensificadores; e os desdobramentos nas formas e conteúdos espaciais ao longo do tempo. O que nos leva a discutir os principais problemas das cidades brasileiras e formas de superação dos mesmos.

A prática pedagógica é desenvolvida e aperfeiçoada desde 2012. É dividida em três momentos: 1º) apresentar a proposta e a construir coletivamente o questionário. Para realizar essa etapa são destinadas duas horas-aula; 2º) os estudantes devem responder o questionário e aplicá-lo com duas pessoas de outras gerações (uma com idade entre 35 e 45 anos e a outra com mais de 65 – lembrando como era o local em que morava quando tinha a idade do entrevistador). Etapa realizada fora da escola. Normalmente, o prazo para a realização da atividade é de uma semana; e 3º) debater os relatos coletados na semana seguinte. Para realizar essa etapa são destinadas duas horas-aula.

O questionário é elaborado com os estudantes na sala de aula e anotado no quadro branco e copiado nos cadernos. Os alunos são indagados sobre o que é importante conhecer na cidade em que vivem, no cotidiano e nos hábitos de consumo. Entre as questões estudadas ao longo dos últimos anos letivos, destacam-se: i) infraestrutura (água, energia elétrica, pavimentação); ii) serviços públicos (educação, saúde e coleta de lixo); iii) transporte público; iv) moradia; v) lazer e hábitos alimentares; vi) segurança pública; e vii) meio ambiente.

Cada questão deve ser respondida levando-se em consideração a qualidade (bom, médio, ruim ou inexistente), quantidade (muito, médio, pouco ou inexistente) e o preço (barato, médio ou caro – quando se aplica). É solicitado ainda que o estudante identifique o seu local de moradia e do entrevistado quando possuía a faixa etária do entrevistador. Os espaços são divididos em 3 em tipos: espaços rurais; espaços periféricos e favelas; e área central e bairros “valorizados”.

### **O que revelam os relatos da geração que nasceu até a década de 1950**

Entre os entrevistados mais idosos, uma parcela expressiva nasceu e viveu a infância e juventude na zona rural, período em que a maior parte da população brasileira vivia e trabalhava no campo. Os relatos revelam o uso da água de poço, nascentes e rios. Não havia uma rede de

distribuição pública ou privada de água na localidade. Há ausência de energia elétrica nas ruas e moradias. As ruas não eram pavimentadas. O que contrasta com os relatos dos que viviam na área central e nos bairros valorizados, onde já havia água encanada, energia elétrica e ruas pavimentadas com paralelepípedos.

Os idosos, que viveram no espaço rural, também afirmaram que naquela época não havia serviço de limpeza pública. As sobras dos alimentos serviam de adubo ou de alimento para os animais. Os demais resíduos sólidos, que eram poucos se comparado aos dias atuais, eram queimados. O transporte público era escasso, sendo necessário realizar longas caminhadas até a escola ou hospital.

Não existia posto de saúde para atender a população local, sendo necessário o deslocamento para a área central do município. A maior parte dos remédios eram caseiros, extraídos das plantas do próprio quintal. Os partos eram realizados pelas parteiras locais. Existiam poucas escolas gratuitas que ofertavam, basicamente, os anos iniciais (a alfabetização). O deslocamento era realizado muitas vezes a pé e o material escolar (lápiz, borracha, caderno etc.) era adquirido pelos responsáveis da criança. A merenda era escassa e com pouca variedade.

Na zona rural, muitas moradias eram construídas utilizando a técnica taipa de mão (pau a pique) e, apesar do elevado número de moradores por residência (pelos relatos muitas chegavam perto ou ultrapassavam dez pessoas), a quantidade de cômodos era pequena e não havia banheiro. Não haviam eletrodomésticos e eletroeletrônicos, no máximo um rádio a pilha.

O fogão era a lenha e os utensílios de madeira, metal ou vidro. A alimentação era escassa e com pouca variedade. O consumo de carne era extremamente limitado, ocorrendo apenas aos domingos ou em datas comemorativas. Não se consumia produtos industrializados naquela época.

A quantidade de roupas era limitada e passada do mais velho para o mais novo. Ao rasgar uma peça de roupa, era comum consertá-la. O mesmo acontecia com os calçados e demais utensílios domésticos. O tempo de uso dos produtos era longo.



Não havia tráfico de drogas e armas de grosso calibre na região. Os casos de roubo e furto eram menos recorrentes. Nos relatos trazidos pelos estudantes, há a lembrança do furto de roupas no varal e galinhas.

O meio ambiente local não era degradado. As montanhas eram cobertas por vegetação, assim como as margens dos rios (mata ciliar). Nos rios da região a população se banhava e divertia-se nos dias quentes.

### **O que revelam os relatos da geração que nasceu nas décadas de 1970 e 1980**

A geração dos pais (e de alguns avós) dos estudantes, após uma geração apenas vivenciam uma outra realidade, um outro país, em acentuado processo de urbanização. O número de entrevistados nascidos na zona rural sofreu uma drástica redução devido a urbanização de muitos espaços rurais no intervalo de apenas uma geração. Predomina a moradia nos espaços periféricos e nas favelas. Mas há relatos de imigrantes do interior de Minas Gerais e das regiões Norte e Nordeste do país.

As diferenças produzidas no espaço geográfico tornam-se mais marcantes e recorrentes nos relatos trazidos pelos estudantes. A água encanada está presente em quase a totalidade das residências dos entrevistados, assim como a energia elétrica. Os preços da água e da energia elétrica são considerados mais baratos do que os praticados atualmente. Porém, os problemas no fornecimento de energia elétrica eram mais frequentes do que hoje. As principais vias de acesso são pavimentadas com paralelepípedo.

Uma parcela considerável dos entrevistados nasceu em hospitais públicos através de parto normal, reduzindo significativamente a presença da parteira. Essa geração teve mais acesso à escola e o número de anos de estudo aumentou, assim como a infraestrutura e os materiais didáticos. Porém, para a realização do 2º grau (atual Ensino Médio) era necessário um maior deslocamento. O mesmo ocorria para consultas médicas especializadas, realizadas apenas na área central do município. A limpeza urbana regular ainda não é uma realidade em muitas localidades (em especial, nos espaços periféricos e nas favelas e no espaço rural), o que contribui para a permanência da queima dos resíduos.

O número de ônibus e linhas de transporte aumentou significativamente, em comparação com a geração anterior. A qualidade dos veículos é considerada razoável e os custos bem mais baratos do que os praticados atualmente.

As moradias de alvenaria tornam-se mais frequentes, mas o número de cômodos permanece reduzido. É constatada a diminuição da quantidade de habitantes por domicílio (algo discutido quando estudamos a população brasileira). O banheiro dentro das residências torna-se comum. A alimentação continua escassa e com pouca variedade, assim como o consumo de carne apenas nos finais de semana e/ou datas especiais.

Com a chegada da energia elétrica, os eletrodomésticos e eletroeletrônicos ingressam nas moradias, com destaque para a geladeira e a televisão. A televisão é, ao mesmo tempo, uma fonte de informação e entretenimento. As crianças e adolescentes dessa geração relatam as brincadeiras nas ruas com os colegas e os momentos de lazer nos rios da região.

Os roubos ocorrem em maior quantidade do que na geração anterior, mas concentram-se na área central e nos bairros mais valorizados. Os furtos continuam presentes, assim como as brigas motivadas por problemas e disputas amorosas.

O avanço do espaço urbano e do adensamento populacional sem uma política de uso e planejamento do solo urbano com justiça social e equilíbrio ambiental contribuíram para o desmatamento desenfreado dos morros, das encostas e da beiras dos rios. Assim como o lançamento indiscriminado do esgoto doméstico nos córregos e rios sem qualquer tratamento.

### **O que revelam os relatos dos estudantes: lendo o lugar**

Independentemente da condição socioeconômica do estudante, os alunos após as entrevistas realizadas percebem que as condições materiais da geração atual são melhores do que das duas gerações anteriores (pais e avós).

Os estudantes consideram boa a rede de distribuição de água e energia, mas relatam as reclamações dos seus responsáveis sobre o elevado valor pago. Os estudantes identificam a presença de asfalto nas principais vias de transporte. Apesar do asfalto aumentar o calor no local e impermeabilizar o solo, é considerado um símbolo de progresso e objeto de desejo dos moradores.

A implantação de postos de saúde (do Programa Saúde da Família – PSF) em bairros residenciais aproximou à saúde pública dos moradores. Porém, as queixas da qualidade do serviço prestado são comuns – nos postos de saúde, nas Unidades de Pronto Atendimento



(UPAs) e hospitais – com destaque para a falta de médicos, equipamentos, medicamentos e demais materiais e o longo tempo entre o agendamento e a consulta.

A limpeza urbana é realizada, em média, duas vezes por semana nos locais em que vivem os estudantes. Porém, há relatos de irregularidade e insuficiência do serviço prestado. Os resíduos sólidos acumulados por longos períodos geram uma série de transtornos, como o mau cheiro e a atração de vetores transmissores de doenças, como os ratos.

Os estudantes identificam uma boa quantidade de escolas da rede municipal de educação, transporte gratuito, alimentação balanceada e variada e oferta de livros didáticos e outros materiais.

A qualidade do transporte é considerada razoável. Os relatos incidam problemas de lotação nos horários mais movimentados. Nos locais mais afastados e menos densamente povoados há uma menor oferta de linhas de ônibus e um maior intervalo entre um veículo e outro. Os valores praticados pelas empresas de transporte, regulamentados pela prefeitura, são considerados elevados.

As residências dos estudantes são de alvenaria. O número de moradores por residência é menor do que nas gerações anteriores. Ao mesmo tempo em que aumentou-se o número de cômodos, com destaque para a quantidade de quartos. Em algumas residências há mais de um banheiro.

Os estudantes normalmente reclamam de listarem o nome e a quantidade dos eletrodomésticos e eletroeletrônicos que existem nas residências, evidenciando uma grande diferença em relação as gerações anteriores. A televisão está em todos os lares e o número de aparelhos de televisão dificilmente limita-se a um.

A geração atual identifica uma grande presença de plástico dentro das residências e de alimentos industrializados. A quantidade e variedade de alimentos e a presença da carne é maior. Quase tudo é descartável ou substituído após poucos anos de uso, mesmo que ainda tenha vida útil.

Houve um grande aumento da criminalidade, em especial, nos espaços periféricos e em determinadas favelas (local de moradia de uma parcela dos estudantes). Alguns alunos relatam com riqueza de detalhes o uso de armas de grosso calibre por traficantes, a venda de drogas e

práticas corruptas e abusivas por parte de integrantes da segurança pública no local em que vivem.

Em virtude do aumento da sensação de medo e violência, da degradação ambiental e das novas tecnologias, os estudantes realizam boa parte do lazer (ou todo) dentro de casa. A geração atual é a primeira que não se banha e tem momentos de descontração nos rios da região (exceto em algumas áreas próximas as nascentes) devido a contaminação dos corpos hídricos.

### **O que foi possível aprender?**

A partir da vivência dos jovens estudantes e dos relatos coletados junto as gerações anteriores (pais e avós), os mesmos puderam identificar rápidas, profundas e intensas mudanças no espaço (cidade e campo) brasileiro num intervalo de tempo relativamente curto, de um pouco mais de meio século.

A geração mais antiga apresenta características da sociedade rural. Essa geração vivenciou a passagem da sociedade rural para a urbana no Brasil. A urbanização brasileira é marcada pelo intenso êxodo rural e elevado crescimento vegetativo. A expansão e o adensamento do tecido urbano revelam nas paisagens urbanas a grave desigualdade socioeconômica existente no país. E a falta de uma política de uso do solo urbano em prol da justiça social e do equilíbrio ambiental.

Se, inicialmente, há uma forte distinção entre rural e urbano, com o tempo ocorre a urbanização de uma parcela considerável do que era o campo. Os investimentos públicos são concentrados na área central e nos bairros valorizados, reproduzindo e intensificado as desigualdades existentes no espaço urbano. O descaso do poder público com as classes populares é visível na paisagem das favelas e periferias (local de moradia de muitos estudantes).

As constatações realizadas tornam-se um convite para (re)pensarmos as formas e os conteúdos do espaço urbano. O que nos convida a debater o direito à cidade e a necessidade de uma maior participação da população nos assuntos que afetam o local em que vivem, o município, o país e o mundo. Ressaltamos a importância do exercício da cidadania para a construção de uma outra cidade e sociedade. O que envolve uma leitura de mundo e da cidade menos contemplativa e mais crítica, algo que a disciplina Geografia pode (e deve) contribuir.



Ao longo dos relatos trazidos pelos estudantes surgiram diversas questões que podem (e devem) ser exploradas na disciplina e/ou em atividades e projetos interdisciplinares como: alimentação, drogas, meio ambiente, consumismo, entre outros.

### **Considerações finais**

A atividade realizada contribuiu para uma leitura do mundo menos contemplativa e mais crítica e reflexiva por parte dos estudantes. O que permite uma maior compreensão do local em que vivem e suas transformações ao longo do tempo. Assim como possibilitou comparações com outros espaços e tempos.

O trabalho exposto valoriza os conhecimentos e as vivências dos estudantes e familiares, possibilita uma relação dialógica e os tornam construtores do próprio conhecimento, cabendo ao professor a tarefa de mediar esse processo. Afinal, como nos adverte o saudoso mestre Paulo Freire (2011, p. 24) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A proposta possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e competências e a introdução de procedimentos de pesquisa científica no âmbito escolar. O momento em que mais aprendo com os meus estudantes é aquele em que os indago a responderem o que aprenderam realizando a atividade proposta.

A atividade realizada no sétimo ano do ensino fundamental possibilitou uma compreensão histórica do processo de urbanização brasileiro nas últimas três gerações. Apontou diferenças e mudanças significativas no tempo e espaço a partir do local em que vivem os estudantes e dos relatos de seus familiares, que vivenciaram o processo, muitas vezes, sem compreendê-lo.

Na proposta de atividade foram criadas estratégias para conduzir os estudantes na compreensão e valorização do espaço urbano como um espaço de encontro e de exercício da cidadania. Se a cidade e sociedade vigentes são frutos de determinadas lógicas, é possível conceber e produzir novas cidades e sociedades com justiça social e equilíbrio ambiental.

E o livro didático? A adoção de propostas, como a que foi apresentada, não significa o abandono dos livros didáticos. O mesmo pode ser utilizado para uma apresentação geral e/ou complementar do conteúdo estudado e para comparações com outros locais.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. In: **Revista Terra Livre**, n° 8. São Paulo: AGB/Marco Zero; 1991.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CAVALCANTI, Lana. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino da geografia para a vida cotidiana. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

IBGE. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em 10 de abril de 2019.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MARANGONI, Ana Maria. Questionários e entrevistas – Algumas considerações. In: VENTURI, Luís Antônio (org). **Praticando a geografia**: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental São Paulo: Oficinas de Textos, 2009 (p. 167-174).

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso**: para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: Oliveira, Ariovaldo (org). **Para onde vai o ensino da geografia?** 10ª ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, Luiz Antônio. A geografia urbana brasileira na escola: para além do livro didático. In: XVI Encuentro de Geógrafos de América Latina, La Paz – Bolívia, 26 – 29 de abril de 2017. **Anais XVI Encuentro de Geógrafos de América Latina**. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall6/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/41.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_ Eventos naturais extremos e a falta de planejamento urbano: potencializando perdas de vidas e econômicas. In: Anais do XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina, Lima – Peru, de 08 – 12 de abril de 2013. **Anais XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx>



[/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/076.pdf](#)> Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. **Referencial Curricular da rede municipal de Petrópolis**: Segundo segmento do ensino fundamental. Secretaria de educação, Petrópolis, 2014.